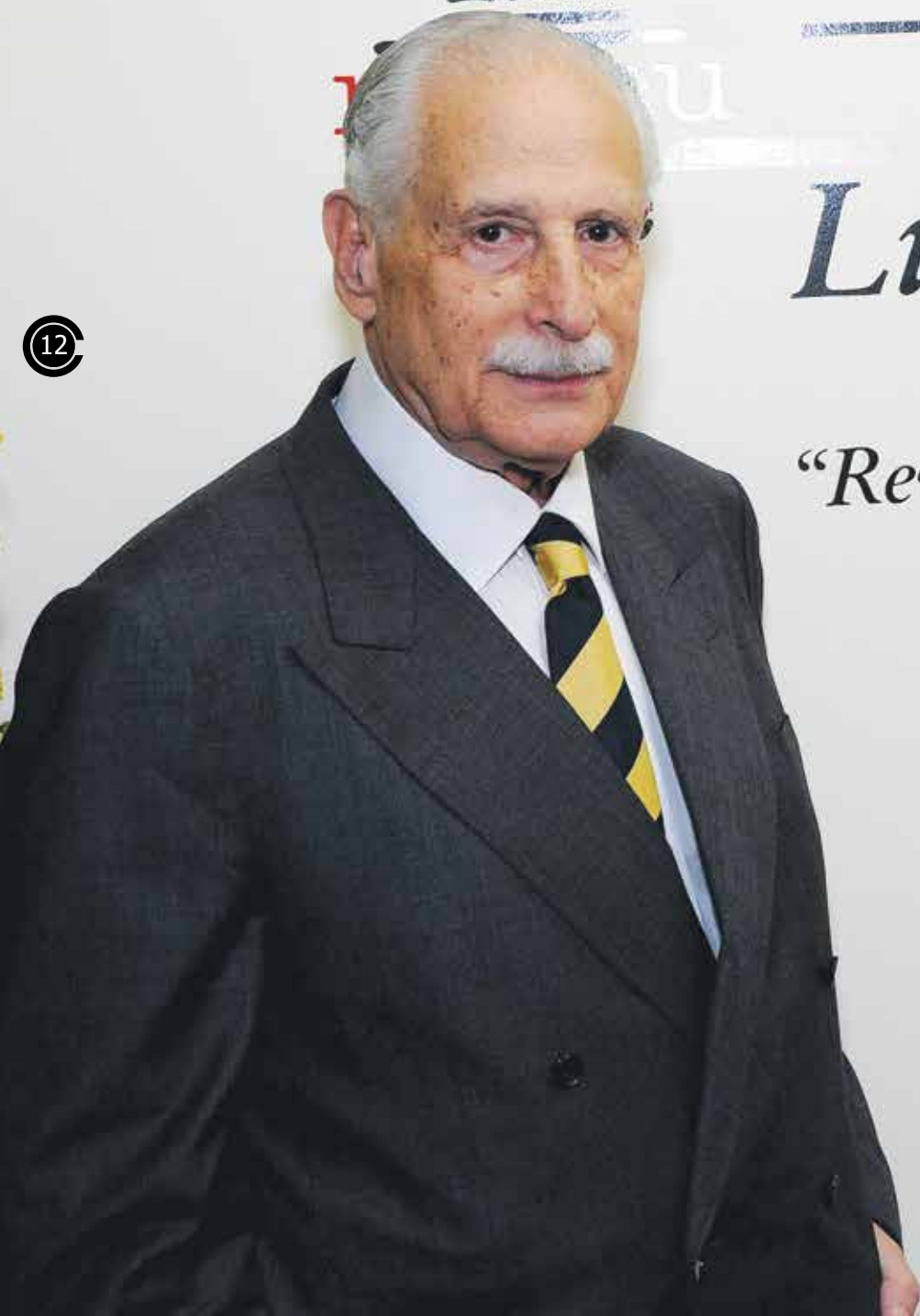




Centro d e Doc

Luiz Marc

“Rever o passado, em



de Informação documentação

cos *Suplicy Hafers*

entender o presente, sonhar o futuro.”

Luiz Hafers,
o homem que compartilhava

A gente se dá conta de que conhece muita gente instruída, escolarizada, mas poucas pessoas verdadeiramente educadas, cultas nos sentidos mais amplos e diversos da palavra, quando tem a oportunidade de conviver com figuras raras como Luiz Marcos Suplicy Hafers.

Um desavisado poderia dizer que essa é uma visão elitista, pois Luiz Hafers era um expoente da aristocracia cafeeira, talvez um dos últimos barões, com sua elegância impecável, sua altivez intimidante, sua fluência e capacidade de articulação a respeito de qualquer assunto. No entanto, reduzi-lo a um subproduto nobre da luta de classes seria injusto e tolo.

E, sobretudo, desperdício de aprendizado. Um homem se conhece não só pelo que ele tem e de onde vem, mas especialmente pelo que ele faz com essa bagagem.

Hafers viveu uma saga esplêndida. Teve todas as oportunidades que um jovem filho da elite cafeeira poderia dispor e as aproveitou muito bem. Foi, ainda jovem, aventurar-se



da esquerda para a direita, Andrea Matarazzo, Luiz Hafers, governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, presidente do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), Marcelo Mattos, presidente do INCI, Roberto Ticoulat e o Ministro das Relações Exteriores, José Serra

14

pelo Alasca. Em suas muitas viagens pelo mundo, conviveu com artistas como Truman Capote e Andy Warhol; jogou pólo no Palácio de Buckingham e tomou chá com a rainha da Inglaterra; foi amigo e companheiro de festas de Grace Kelly. Eram intermináveis e todas saborosíssimos os relatos que fazia dessas jornadas que marcaram sempre sua vida – até pouco antes de as condições físicas impedirem que seguisse um de seus últimos e preferidos projetos, de, convivendo com o neto em viagens, nele fortalecer o gosto pelas andanças e descobrimentos do mundo.

Luiz Hafers era um cavaleiro e cavaleiros ensinam pelo exemplo, mais do que por qualquer outro meio. Sempre sorrindo, com os olhos muito brilhantes, costumava dizer ante seu bem sucedido casamento de mais de meio século, que aprendera cedo o segredo da felicidade: “a escolha que toda relação amorosa nos im-

põe nessa vida é entre ter razão e ter sossego. Em nosso casamento, ela tem sempre razão; eu tenho sempre sossego”.

Sua trajetória profissional notável foi outro legado importante de sua passagem entre nós, mas outras pessoas poderão falar disso muito mais e melhor do que eu. Embora a atuação no mundo produtivo do café tenha aproximado nossos caminhos, isso só aconteceu porque Luiz Hafers tinha total clareza de uma necessidade que deve estar no horizonte de cada empreendedor, de cada cidadão que se empenha na geração de riquezas nesta terra de desigualdades. Para ele, era impossível ser bem sucedido se isso não representasse uma contribuição efetiva e qualificada para melhorar o mundo em que vivia. E tinha convicção de que todo o investimento possível em educação e cultura era essencial para pavimentar o caminho para as melhorias pretendidas.

Lembro da primeira vez em que nos encontramos: ele no Conselho de Administração da organização gestora do Museu do Café (que viria a presidir, algum tempo depois) e eu então na coordenação da área de museus da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo. Naquele dia conheci um fazendeiro e empresário dedicado a preservar e valorizar o patrimônio artístico oriundo da cafeicultura paulista e brasileira; um hábil executivo, ávido por compreender melhor o modelo de gestão de museus adotado pelo Estado – do qual mais tarde se tornaria um valioso defensor – e um homem charmosíssimo, que à época perto dos 70 anos tratava todas e cada mulher que se aproximava com respeito e gentileza, entremeados por aquele tipo de galanteio cortês que infelizmente muitas e muitos hoje já não fazem ideia do que é.

O homem cujo avô acompanhava a flutuação da bolsa de café pelo movimento de carros de boi na Serra do Mar se orgulhava de ser um profundo conhecedor da história de Santos, de São Paulo, do Brasil e do mundo, o que não raro evidenciava com referências precisas de nomes, datas e lugares que preenchiam contextos de uma riqueza colorida, fosse ilustrando como o café da Colômbia se tornou tão popular graças a um marketing muito maroto, fosse apontando as estratégias fundamentais para abrir o mercado chinês ao nosso produto, a partir de experiências curiosas e de muito respeito pela cultura chinesa.

Mais do que entusiasta do investimento na área cultural, para assegurar melhor formação do espírito e da mente de nossos jovens e adultos (“porque”, dizia, “até velho que se dedique, é capaz de aprender algo novo todo dia, e se iluminar e iluminar ao seu redor

CRÉDITO: TADEU NASCIMENTO



Robério Silva, diretor executivo da OIC e Luiz Hafers

a cada dia”), Luiz Hafers sabia que era preciso garantir investimento qualificado, o que passava não só por buscar verbas públicas, mas também por envidar esforços privados, institucionais e pessoais nessa direção, por meio da alocação de recursos financeiros, humanos e materiais.

Cidadão do mundo, ele compreendia bem que a preservação e valorização do patrimônio cultural não era tarefa de um só segmento, tampouco algo que pode se efetivar sem trabalho sério, compromisso público e acompanhamento continuado. Conselheiro de muitas instituições dentro e fora do país, sabia que integrar um conselho não podia se confundir com mero status: “essa vontade de aparecer só na fotografia e não comparecer com trabalho duro é tolice dos provincianos e uma irresponsabilidade com a sociedade que homens íntegros, inteligentes, cosmopolitas, jamais cometem”. Anotei essa sua afirmação como anotei tantas outras, numa das tantas vezes em que discutíamos o desafio que ainda é o entendimento do compromisso público pelo setor privado em nosso país.

Mas é pelo exemplo que se aprende com um cavalheiro. Atuando no Conselho de

Administração do Instituto de Preservação e Difusão da História do Café e da Imigração - INCI, organização social parceira do Estado de São Paulo na gestão do Museu do Café e do Museu da Imigração, Luiz Hafers foi personagem estratégico na consolidação do Museu do Café – iniciativa que um grupo abnegado de colecionadores e valorizadores da história do fruto da rubiácea mantinha há anos no histórico edifício da Bolsa do Café, em Santos, e que, apesar dos valorosos esforços de seus apoiadores, não dispunha de condições de profissionalização e crescimento. Ao lado de grandes guardiões da preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural do café no Brasil – como Eduardo Carvalhaes e Guilherme Braga Abreu Pires Neto – Hafers teve papel decisivo na condução das negociações com a Secretaria da Cultura para qualificar e dar visibilidade ao Museu do Café, oficialmente criado como museu estadual pelo Decreto nº 53.351, de 26 de agosto de 2008 e hoje reconhecidamente um dos mais queridos e visitados equipamentos culturais do Brasil. Hafers foi ainda um dos principais doadores de acervo para esse Museu.

Seu espírito inovador também foi essencial para ampliar a parceria da organização social sob sua presidência com a Secretaria da Cultura, ao defender entusiasmadamente que a OS concorresse à gestão do Museu da Imigração, indo para além das divisas de Santos e estabelecendo um horizonte cada vez mais estadual e nacional, rumo à visão que Hafers sempre defendeu: de mostrar as correlações entre o patrimônio brasileiro do café e o da imigração e de tornar esse legado um instrumento de valorização da cultura brasileira no mundo, de valorização do trabalho em nossa terra, do encontro e convívio das gentes do mundo em nossa terra e de seu potencial de transformar isso em beleza, arte, qualidade de vida e paz. Sem negar as

Marcelo Mattos e Luiz Hafers

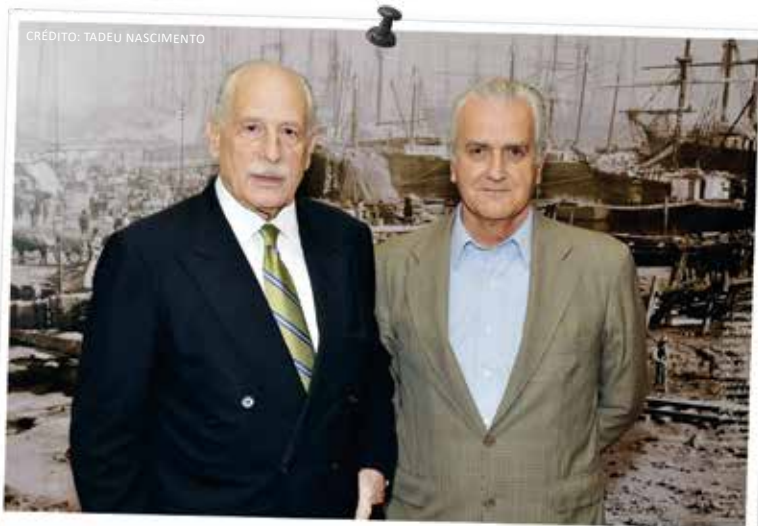


15

desigualdades e injustiças que marcam a realidade brasileira, Luiz Hafers via na cultura um caminho para combatê-las, atraindo pela curiosidade, conquistando pelo prazer e pela fruição, transformando pelo conhecimento, pela ampliação de repertório de visões de mundo e pelo compartilhamento de esforços de melhoria. Arriscaria dizer que sua palavra preferida, tantas vezes citada no belo francês “partager”, partilhar, compartilhar, traduzia muito do seu espírito e da sua prática.

Determinado, ousado, galante e realizador, Luiz Marcos Suplicy Hafers nos deixou recentemente. Mais do que saudades, ficam dele as lembranças profundamente marcantes, o amor pelo aprendizado sempre, a inspiração para fazer mais e melhor e, mais que tudo, o exemplo de que é possível viver com muita qualidade e ainda ser incrivelmente útil e fazer extremamente bem a um mundo que precisa tanto.

Depois de tudo que ele me ensinou, eu não poderia me



Luiz Hafers e Linneu Costa Lima



Luiz Hafers e Eduardo Carvalhaes

CRÉDITO: TADEU NASCIMENTO



Luiz Marcos Suplicy Hafers nasceu em Santos, litoral de São Paulo, em 1935, e trabalhou como corretor e exportador de algodão até a década de 1970. Viajou o mundo inteiro vendendo o algodão brasileiro. Do comércio exterior, expandiu suas atividades para agricultura, plantando café no Norte do Paraná, primeiro em terras arrendadas e a, partir de 1962, em terras próprias. Ainda na década de 1970, deu início à atividade florestal e expandiu seu negócio para o setor industrial, com a fundação da Pisa Papel de Imprensa S/A. Cafeicultor, foi presidente da APAC – Associação Paranaense de Cafeicultores e fundador da instituição gestora do Museu do Café e do Museu da Imigração. Luiz presidiu a Sociedade Rural Brasileira no período entre 1996 e 2002.

“Ter sido Presidente da SRB talvez tenha sido a maior satisfação de minha vida. A Rural foi fundada em 1919 e, até hoje, congrega uma elite de agricultores que vivem por suas convicções e não conveniências. A Rural é muito mais importante do que o tamanho formal dela. Na presidência, acho que fiz um bom serviço, principalmente na discussão da Reforma Agrária”, costumava afirmar.

De fato, Luiz teve significativo destaque em momentos históricos nas discussões da Reforma Agrária no Brasil, como nas ocasiões de confrontos realizados na cidade de Corumbiara, em Rondônia, e em Eldorado dos Carajás, no Pará, na década de 1990. “Havia um ambiente de pânico e eu consegui ir à público mostrar o lado do agronegócio sério e comprometido com os brasileiros. Primeiro, que a Rural concordava com o problema. Pobreza é inaceitável, inegável e precisa ser resolvida. Por outro lado, o MST havia dado falsas esperança a eles, e a minha classe, a classe conservadora, tinha medo de reconhecer o problema e discutir soluções, por uma falsa ideia de causa e efeito. Concordo com o problema, mas discordo da solução”, dizia ele, abertamente. Luiz acreditava que o problema da pobreza persiste no Brasil e que o MST, com seu radicalismo, vive dela. “Por isso, temos que erradicar a pobreza”, acreditava.



da esquerda para a direita, Guilherme Braga, Roberto Ticoulat, Marcelo Mattos, Eduardo Carvalhaes, Luiz Hafers, Marília Bonas, Nuno Ramos e Américo Sato

despedir sem reforçar o convite tantas vezes feito por ele a tantas pessoas do universo do café, para que conheçam, valorizem e apoiem esse patrimônio tão precioso, e contribuam para torná-lo cada vez mais útil e conhecido por todos. Pois, como ele escreveu, certa vez:

Salve, querido Luiz Hafers, onde quer que esteja,

nós o saudamos! Seguiremos essa saga de defender e valorizar a cultura inspirados em seu exemplo. Para que a gente possa, mais do que ter e fazer: descobrir, refletir, compartilhar e ser melhor. ☺

Claudinéli Moreira Ramos, é
Coordenadora de Monitoramento
e Avaliação da Secretaria da Cultura
do Estado de São Paulo

Claudinéli Moreira e Luiz Hafers



”

“Colecionar o passado tem sido uma atividade incessante desde tempos imemoriais. Marcar o presente, cristalizando-o para futuras considerações, tem sido uma constante. Diários, monumentos e inscrições, todos são manifestações dessa vontade. É disso que tratam os museus. Em constante modificação, em constante evolução. Os museus modernos têm que manter o passado para novas interpretações, ditadas pelas novas condições, pelas novas dúvidas. Um acervo para rever o passado, entender o presente e sonhar com o futuro. Para tanto, não mais um depósito de trastes, mas uma dinâmica de objetos inspiradores, um grande acervo de dados, que possibilitem e agreguem estudiosos sob novas considerações e conceitos. Para descobrir e refletir, para ser.

Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo. *Museus: o que são e para que servem?*)